

LEGENDA DA ÚMBRIA

INTRODUÇÃO

Os estudiosos que hoje se debruçam sobre a vida de Francisco de Assis, deparam-se com inúmeros textos bibliográficos, uns com maior valor do que outros, mas todos importantes. Cada um dos autores propõe uma visão específica do Santo e da Ordem Franciscana. Na realidade, depois da morte de Francisco, em 1226, e da canonização, em 1228, proliferaram inúmeras Legendas exaltando a sua figura. As interpretações diferentes, e às vezes contraditórias, que apresentam sobre o fundador e a fundação, sobre Francisco e a Ordem dos Menores, trazem consigo um conjunto de problemas heurísticos, hermenêuticos, filológicos e históricos de difícil solução. É a “Questão Franciscana” para a qual Sabatier, em 1898, foi o primeiro a chamar a atenção. A questão, segundo Micoli, não é um mero capricho de textos, e revela que “a memória de Francisco é ela mesma, efeito da experiência de Francisco. As suas ambiguidades resultam das ambiguidades de Francisco. A questão franciscana é a questão de Francisco”¹

Esta questão mostra duas concepções de uma mesma realidade. Para uns a Ordem procede do carisma do fundador, certificado pelo sinal misterioso dos estigmas, considerados um selo de Deus impressos na carne de Francisco; para outros a Ordem é um assunto colectivo e um processo humano que iniciou com Francisco, mas é obra de toda a fraternidade. De um lado a intuição carismática centrada em Francisco, do outro a instituição que dele arrancou e cresceu com certa autonomia em relação ao fundador. De um lado, a dimensão carismática; do outro, a dimensão

¹ Cf. DALARUN, J., *Vers une resolution de la question franciscaine – La Legende ombrienne de Thmas de Celano*, Fayard, 2007, p. 16. Citaremos como DALARUN. A introdução que aqui apresentamos, mais não é que um resumo da obra de Dalarun. Para as notas seguimos Dalarun.

institucional. Foi entre estas duas constantes, a intuição e a instituição, que se desenrolou a história franciscana ao longo dos séculos.

*Com a publicação da obra de Jacques Dalarun, *Vers une résolution de la question franciscaine – La Légende Ombrienne de Thomas de Celano*, os historiadores da “questão franciscana” têm à sua disposição uma nova *Legenda de S. Francisco*, descoberta nos anos 30 do século passado, da qual só se conheciam fragmentos publicados por Sabatier em 1895.*

*O texto da *Legenda da Umbria* começou a ser relevante primeiro por causa da recolha dos milagres do Codex 338, de Assis². Desse Codex consta uma recolha de Milagres, a *Legenda ad usum Chori*, ambos de Tomás de Celano e a Regra de 1223. Paul Sabatier chamou a atenção para a importância deste Codex quando, em 1895, publicou a coleção de Milagres e a apresentou como uma descoberta importante. Sabatier pensou ter descoberto o Tratado dos Milagres de Tomás de Celano, perdido desde o Capítulo Geral de 1266. Para outros não seria mais que um fragmento desse Tratado. Os Bolandistas, por intermédio de Ortrøy publicaram o Tratado dos Milagres em 1899.*

Em 2002, Luigi Pellegrini publica uma recolha dos textos do Codex 338 que serviu de base para o estudo de Dalarun³. Comparando a recolha dos milagres no Códice 338 com o Tratado dos Milagres, Pellegrini nota bastantes diferenças, concluindo que Celano utilizou o material do Códice 338 para compor o seu Tra-

² A publicação deste texto em português tem por base o recente estudo de DALARUN.

³ P. SABATIER, *Il B. Tommaso da Celano e il suo trattato ‘de miraculis’*, em *Miscellanea francescana di storia, di lettere et di arti*, t. 6, 1895, p.39-43; ORTROY, F. VAN, *Traité des Miracles de S. François d’Assise par le B. Thmas de Celano*, em *Analecta bollandina*, t. 18, 1899, p. 85; PELLEGRINI, L., *La raccolta di testi francescani del codice Assisiano 338. Un manoscritto composito e miscellaneo*, em *Revirescunt chartae, códices, documenta, textus. Miscellanea in honorem fr. Caesaris Censi ofm*, t. 1, éd. A. CACCIOTTI et P. SELLA, Romae, 2002, p. 314-323; Cf. p. 21-43 DALARUN, tomou este estudo como ponto de partida para a sua investigação.

tado, pelo que a recolha do Códice 338 seria anterior ao Tratado, podendo-se pensar numa fonte comum às duas redacções, anterior à *Vita Prima* de Celano. Nota, por exemplo, que no Tratado dos Milagres (3C 181) se fala de um milagre a “*Praxedis, religiosarum famosissima in Urbe*” e o mesmo milagre no Códice 338 fala de uma “*religiosa quadem*”. O facto de a religiosa se transformar em *Praxedis* sugere uma adaptação posterior feita por Celano. Neste contexto, Pellegrini sugere uma relação entre a recolha dos milagres do manuscrito de Assis com a segunda parte da *Legenda choralis umbra*⁴.

O texto da *Legenda* foi tratado pela primeira vez em 1928 por Michael Bihl num trabalho sobre a *Legenda napolitana*, um texto até então desconhecido⁵. Relacionando os milagres ali publicados com o Tratado dos Milagres, conclui que a *Legenda Napolitana* seria posterior, apontando o período de redacção entre 1253-1260. Para esta datação Bihl tem em conta o tratamento muito positivo dado a Fr. Elias, só possível de ser usado após a sua reabilitação e morte, em 22 de Abril de 1253. Para Bihl está totalmente fora de questão considerar a *Legenda napolitana* como fonte da *Vita prima* ou *Vita secunda*, afirmando que a *Legenda* só é importante na medida em que nos confirma o parágrafo 220a da *Vita secunda*, só certificado até então pelo códice de Marselha.

O trabalho de Bihl espreitou os investigadores. Assim, em 1930, Giuseppe Abate, Frade Menor conventual, apresenta um estudo sobre a mesma *Legenda*. Fê-lo a partir dum manuscrito do século XIII pertencente aos Frades Menores da Úmbria, conservado na Biblioteca Comunal de Terni (C.IV.M.11; hoje com cota 227bis)⁶. No seu estudo, Abate valoriza a *Legenda napolitana* mais positivamente, concluindo que deve ser datada entre 1230 e

⁴ Cf. DALARUN, p. 25-27.

⁵ BIHL, M., *Legenda S. Francisci Neapolitana. Supplentur ex eadem aliqua in 'Vita II' deficiente*, em *Archivum franciscanum historicum*, t. 21, 1928, p. 240-268. Cf. DELARUN p. 27-32.

⁶ ABATE, G., *La Legenda Napoletana di S. Francesco e l'ufficio rimato de Giuliano da Spira secondo un codice umbro*, em *Miscellanea francescana*, t. 30, 1930, p. 129-155.

1239 como *Legenda ad usum Chori* e que o autor é Tomás de Celano, que dela se serviu como fonte para a *Vita secunda* e para o *Tratado dos Milagres*.

Num artigo de Bihl, em 1935⁷, tido como resposta às sugestões de Abate, Bihl contradiz as suas afirmações, reiterando as conclusões sobre a datação e o autor, contradizendo as afirmações de Abate. O artigo sugere que se denomine *Legenda da Úmbria*, como passa a ser conhecida a partir de então. O texto definitivo foi publicado por Bihl na *Analecta Franciscana*⁸ com o título *Legenda choralis Umbra*, classificando esta fonte “*Legendae quaedam minores S. Francisci Assisiensis in Vitis Fr. Thomae Celanensis fundatae*”. O seu texto não foi considerado nas várias edições das *Fontes Franciscanas* publicadas nos mais variados países. Só a colecção americana, *Francis of Assisi: Early Documents*, apresenta a tradução em inglês sob o título *An Umbrian Choir Legend*⁹. Na nova edição francesa das *Fontes*, dirigida por Dalarun e preparada para sair em 2009, será publicada a primeira tradução francesa.

É sobre esta *Legenda* que Dalarun faz incidir o seu estudo crítico. No seu trabalho tem em conta os já mencionados manuscritos de Nápoles e Terni e ainda um outro manuscrito da Biblioteca Nacional Vittorio Emanuel de Nápoles, um manuscrito da Biblioteca Apostólica do Vaticano e um outro da Biblioteca Comunal de Siena¹⁰.

Depois de um estudo comparativo dos três manuscritos, analisando a sua natureza e identidade, tanto da parte bibliográfica como da recolha dos milagres, conclui que se trata de cópias de um mesmo texto que no manuscrito de Terni aparece completo.

⁷ BIHL, M., *De Legenda S. Francisci Neapolitana integra et nunc “Legenda umbra” aptius nuncupanda*, em *Archivum franciscanum historicum*, t. 28, 1935, p. 3-36.

⁸ “Prolegomena”, em *Legendae S. Francisci Assisiensis saeculis XIII et XIV conscriptae*, fasc. 4, p. XVI-XX: *De Legenda choralis Umbra*.

⁹ *Francis of Assisi: Early Documents*, ed. R.J. ARMSTRONG, J. A. WAYNE HELLMENN E W. J. SCHORT, t. 2, *The Founder*, New York-London, Manille, 2000, p. 473-482.

¹⁰ Cf. DALARUN, p. 47-48.

*Sugere também que tenham tido uma origem comum, mais concretamente o Sacro Convento de Assis. Ao contrário de Bihl e Abate, Dalarun afirma que não foi escrita para uso litúrgico*¹¹.

*No quarto capítulo da obra, Dalarun, utilizando a crítica textual interna, a inter-textualidade franciscana e a crítica histórica, debruça-se sobre a datação e a posição que o texto ocupa na hagiografia franciscana, concluindo que a *Legenda da Úmbria* foi escrita entre 1237-44, posterior à *Vita Prima* de Celano (1228-29), à *Vita de Julião de Espira* (1235) e à *Legenda ad usum Chori* de Celano (1230), mas anterior ao Anónimo Perusino (1240-41), à *Legenda dos Três Companheiros*, à *Secunda Legenda* de Celano (1246-47) e ao *Tratado dos Milagres*, também de Celano (1247-53)¹².*

*No capítulo quinto, Dalarun faz incidir a sua investigação sobre o autor da *Legenda*. Comparando a métrica da *Legenda da Úmbria* com os quatro escritos atribuídos a Celano, concluiu que esta *Legenda* só pode ter sido escrita por Tomás de Celano, que com toda a probabilidade a redigiu em Assis. Em boa verdade, esta *Legenda* devia ser considerada a terceira *Legenda* de Celano, escrita depois da *Vita Prima*, a pedido de Gregório IX, e da *Legenda ad usum chori*, composta a pedido de um tal frei Benedito ou mesmo de um monge beneditino. Em relação aos outros escritos de Celano, a *Legenda da Úmbria* ganha relevo por ser o primeiro escrito de Celano a fazer referência à trasladação do corpo de S. Francisco, realizada no ano de 1230. Este facto leva também a valorizar a *Vita Sancti Francisci* de Julião de Espira, uma vez que é o primeiro hagiógrafo franciscano a fazer, em 1235, o relato da trasladação do corpo de S. Francisco*¹³.

*No sexto capítulo, a autor debruça-se mais concretamente sobre o conteúdo da *Legenda da Úmbria*. Tendo presente os dados*

¹¹ Sob a natureza e identidade dos manuscritos, cf. DALARUN, p. 47-110.

¹² Sobre a datação e posicionamento na hagiografia franciscana, cf. DALARUN, p. 114-142.

¹³ Sobre esta temática, cf. DALARUN, p. 143-168.

relevantes da *Legenda*, procura cruzar esses dados com outros escritos para confirmar a datação e para melhor compreender o seu significado histórico e o contributo que pode dar à compreensão da “questão franciscana”.

A Legenda tem duas partes distintas. A primeira é biográfica e resume os acontecimentos da vida de S. Francisco no espaço de tempo que vai de 1224, ano da visão do Alverne, e 1230, ano da transladação do corpo para a Basílica de Assis. Na segunda parte são relatados trinta e nove milagres.

Na parte biográfica é de salientar o grande relevo dado a Fr. Elias. No momento em que Francisco sentiu que se aproximava o fim, pediu que o levassem à Porciúncula e, qual patriarca Jacob, abençoa Fr. Elias e confia-lhe a fraternidade. Pouco depois manda chamar Fr. Leão e Fr. Ângelo e pede-lhes que entoem os Louvores do Senhor e leiam a Paixão segundo S. João. Depois de abençoar todos os irmãos e lhes perdoar as faltas, adormeceu no Senhor. No dia seguinte o corpo foi levado para Assis, passando por S. Damião, sendo depositado na igreja de S. Jorge. Pouco depois da sua morte, e perante tantos milagres, Gregório IX mandou instaurar o processo de canonização, sendo inscrito no rol dos santos a 16 de Julho de 1228. Dois anos mais tarde o seu corpo é trasladado para a nova igreja construída em sua honra.

*Na segunda parte são apresentados trinta e nove milagres. Dezassete deles foram testemunhados entre 1226 e 1228, que também são relatados na *Vita Prima* de Celano; sete entre 1228 e 1230, também mencionados na *Legenda ad usum chori* de Celano; quinze que não são testemunhados por nenhum escrito anterior.*

*Partindo do conteúdo, não restam dúvidas para Dalarun de que a colecção de milagres da *Legenda da Úmbria* é anterior ao *Tratado de Milagres* de Tomás de Celano, datada entre 1247/53. Tendo em conta a parte biográfica, destaca os dados que ao mesmo tempo que ajudam a uma datação mais concreta, também contribuem para melhor compreender o significado histórico da *Legenda da Úmbria*. O relato do acontecimento do Alverne como confirmação da santidade de Francisco, o relevo dado à pessoa de Fr. Elias, a presença de Fr. Leão e Fr. Ângelo e o relato que faz*

da trasladação são elementos importantes para situar historicamente a *Legenda*.

Há dados certos sobre a presença de Tomás de Celano em Assis em 1230 para escrever a *Legenda ad usum chori* e entre 1246/47 para a redacção da *Vita Secunda*. É fácil verificar que parte dos dados biográficos da *Legenda da Úmbria* aparecem quase literalmente na *Vita Secunda*, o que confirma que a *Legenda da Úmbria* é anterior a 1247, ano da redacção da *Vita Secunda*. Por outro lado, Dalarun tem como certo que a *Legenda da Úmbria* é anterior aos capítulos XVII e XVIII da *Legenda dos Três Companheiros*, cuja redacção se situa geralmente em 1246. Tudo isto aponta para considerar os anos 1237/44 como o período em que, com toda a probabilidade, foi redigida a *Legenda da Úmbria*.

Dalarun debruça-se, depois, sobre as motivações deste escrito. Por que razão teria Tomás de Celano escrito esta *Legenda*? Quem o incumbiu de tal tarefa? Só podia ser a pedido de um Ministro geral. Considerando o provável período em que foi escrita (1237/44), só podia ter sido a mandato de Fr. Elias de Cortona, de Fr. Alberto de Pisa, de Fr. Aymon de Faversham ou de Fr. Crescêncio de Jesi. Tendo em conta que o generalato de Fr. Alberto de Pisa, o primeiro Geral que celebrou missa, só durou de Maio de 1239 a Novembro de 1240, podemos, segundo Dalarun, aduzir três hipóteses.

Primeira hipótese – Fr. Elias e a *Legenda da Úmbria*

Fr. Elias de Cortona governou a Ordem de 1221 a 1227 e de 1232 a 1239, ano em que foi destituído por Gregório IX. Se a *Legenda* em causa foi escrita entre 1237 e 1239 sob o mandato de Fr. Elias, o seu objectivo era evidente. Tomás de Celano mais não quis, que afirmar a predilecção que Francisco tinha por Fr. Elias, num momento em que este era cada vez mais contestado pelo grupo de irmãos mais letrados que pretendiam dar à fraternidade uma estrutura mais consistente. As palavras de Celano são claras:

4.2 Como frei Elias se encontrasse à sua esquerda, rodeado por outros filhos, cruzou as mãos e pousou a mão direita na cabeça de frei Elias. Privado, porém, da vista e do uso dos olhos exteriores, perguntou:

– “Em quem tenho pousada a minha mão direita?”

– “*Em Elias*”, responderam.

– “*É mesmo quem eu quero*”, replicou. – “*Filho, eu te abençoo em tudo e por tudo, a ti que, tomando nos ombros o meu cargo, corajosamente suportaste as necessidades dos irmãos. E pois que, por tuas mãos, o Altíssimo os fez crescer e os guardou, assim em ti os abençoo a todos. No céu e na terra te abençoe Deus, rei de todos os viventes. Quanto posso, e mais do que posso, eu te abençoo, e o que eu não puder, em ti o faça quem tudo pode.*”

Para além deste elogio a Fr. Elias, são de grande importância as referências ao Alverne. Foi Fr. Elias que deu a conhecer esse milagre a toda a Ordem. Também o relato da trasladação pode ser considerado uma chamada de atenção para a importância que Elias teve na construção da Basílica. Sabemos que Celano era um fervoroso partidário de Fr. Elias, tecendo-lhe rasgados elogios na Vita Prima, escrita entre 1227 e 1232, altura em que Elias tinha saído de Geral¹⁴.

Nos últimos anos do seu segundo mandato, Fr. Elias viu-se atacado em várias frentes: o clero secular suportava mal a grande expansão da Ordem; os primeiros companheiros de Francisco criticavam-no por questões ligadas à pobreza; os sacerdotes da Ordem, sobretudo as elites universitárias de Paris e Oxford queixavam-se do seu autocratismo e desejavam ver um sacerdote como Ministro geral. Fr. Elias defende-se com a ajuda do Papa. Em Abril de 1237, Gregório IX promulga duas bulas: uma (Confessor Domini), de 5 de Abril, dirigida a toda a Igreja, confirma o milagre excepcional dos estigmas de S. Francisco; outra, (Quoniam abundavit), de 6 de Abril, dirigida ao clero regular e secular, impõe um bom acolhimento aos Frades Menores. Certamente que estas iniciativas do Papa foram concertadas com o Ministro geral, Fr. Elias. É neste contexto histórico, na primavera de 1237, que se pode situar a Legenda da Úmbria. Fr. Elias teria incumbido Tomas de Celano de escrever uma nova Legenda. Este escreveu-a em Assis, em pouco tempo e dali foi distribuída por alguns conventos da Ordem.

¹⁴ Cf. IC 69, 95, 98, 105 e 108-109.

Tudo leva a crer que a Legenda da Úmbria abria o Codex 338, que contém a Regra, a Legenda ad usum chori e a compilação dos Milagres. A parte biográfica da Legenda da Úmbria foi retirada mais tarde, ficando só o conjunto dos milagres. Escrita em 1237, não teve vida longa. Com a deposição de Fr. Elias em 1239, também a Legenda caiu no esquecimento. O original deve ter sido destruído logo de seguida ou então em 1266, sob as ordens do Capítulo de Paris. Sobreviveram os Milagres que constam no Código 338, que Sabatier julgou ser o Tratado perdido e os poucos exemplares encontrados no princípio do século passado, que foram expedidos para Nápoles e Terni, razão pela qual os historiadores da Ordem nunca a mencionem¹⁵.

Segunda hipótese – Fr. Aymon de Faversham e a Legenda da Úmbria

Fr. Aymon, inglês e mestre em Paris, sucedeu a Fr. Alberto de Pisa eleito no capítulo de Paris, onde Fr. Aymon era o chefe de fila dos contestatários de Fr. Elias, que acabou por ser deposto. A partir do capítulo de Assis (Paris), pode-se afirmar que os clérigos letrados tomam o lugar dos irmãos leigos. É Paris a sobrepor-se a Assis. Com a morte de Fr. Alberto de Pisa, Fr. Aymon foi eleito Ministro geral no capítulo de Anagni, presidido por Gregório IX. Tomou posse a 1 de Novembro de 1240 e esteve à frente dos destinos da Ordem até 1244.

Com o governo de Fr. Aymon de Faversham, a Ordem, como instituição, sobrepõe-se à intuição primitiva, a visão institucional sobrepõe-se à visão carismática dos primeiros anos do movimento franciscano, o estilo autocrático de Fr. Elias ia dando lugar a um estilo mais democrático. Começa a delinear-se o cerne da “questão franciscana”.

A primeira preocupação do novo geral foi dotar a Ordem de legislação condizente com a grande instituição que na realidade já era. Promulgaram-se as primeiras Constituições, em 1239. Pediu-se, no capítulo de Montpellier, a todas as Províncias da Ordem

¹⁵ Sobre esta hipótese, cf. DALARUN, p. 188-194. Sobre esta e as outras hipóteses, mais não fazemos do que resumir o trabalho de Dalarun.

que redigissem um comentário à Regra franciscana. Destes comentários conserva-se o dos quatro mestres de Paris – Alexandre de Halles, João de la Rochelle, Roberto de Bassée e Eudes de Rigaud. Outra das grandes preocupações de Fr. Aymon foi a renovação da liturgia da Ordem, com a edição de novos missais e novos breviários. É neste contexto que se sente a necessidade de rever a hagiografia da Ordem em vista às leituras do breviário. A maior parte das legendas compostas entre 1220 e 1230 faziam demasiados elogios a Fr. Elias, o que não agradava a Fr. Aymon que o tinha combatido, além de não favorecerem a visão institucional que o novo Ministro geral queria dar à Ordem.

É por esta altura que aparece o texto conhecido como Anónimo Perusino, redigido por Fr. João, companheiro de Fr. Gil e ligado a Fr. Bernardo de Quintavalle. É a primeira legenda que aparece fora do campo de influência de Tomás de Celano. Como a introdução diz, propõe-se contar o “Começo e fundação da Ordem, e actos daqueles irmãos menores que foram os primeiros da religião e companheiros do bem-aventurado Francisco”. Apresenta-se mais como uma crónica de acontecimentos, para mostrar como o movimento se tornou em Ordem instituída, do que como uma hagiografia do fundador. Francisco aparece como um entre um numeroso grupo de companheiros, “os primeiros na religião”, os verdadeiros heróis de uma história colectiva. O acontecimento do Alverne conta-se em duas linhas¹⁶, fala-se genericamente nos milagres e nem uma vez aparece o nome de Fr. Elias. Ao centrar o seu relato no grupo dos primeiros companheiros, colocava em cheque a ideia de Fr. Elias como primogénito, a quem S. Francisco abençoou na hora da morte, aspecto tão divulgado por Celano nos seus escritos. Não fosse este texto escrito por um irmão italiano de pouca cultura, esta dimensão colectiva da fraternidade teria agradado plenamente ao Ministro geral, Fr. Aymon de Faversham. Se tivesse sido escrito por um irmão dos estudos de Paris, num latim refinado, teria tido mais aceitação e, certamente, uma grande divulgação.

¹⁶ AP 46,4.

*Nestas circunstâncias, colocam-se duas hipóteses. Sentindo Ministro geral a necessidade de reescrever a biografia de Francisco dirige-se a Tomás de Celano e encarrega-o desse trabalho. É a primeira hipótese. Mas pode também ter acontecido que Tomás de Celano, sentindo-se desafiado, tomasse a iniciativa de dar uma resposta ao Anónimo Perusino, onde manifestasse todo o seu desacordo perante a visão colectiva patente no Anónimo. Assim teria aparecido a *Legenda da Úmbria*. Ao contrário do Anónimo, Francisco é o único herói, a pedra angular da Ordem, atestado por Deus com os estigmas, que passou o testemunho a Fr. Elias, de quem faz os maiores elogios. Para responder ao Anónimo, que se reclama a voz dos primeiros, Celano dá relevo a Fr. Leão e Fr. Ângelo a quem apresenta na *Vita Prima* como “dois dos irmãos e filhos predilectos”¹⁷.*

*Não era esta e legenda que o Ministro geral desejava para as leituras do novo breviário. Podemos imaginar que esta legenda de Celano não tenha tido muita divulgação no tempo de Fr. Aymon. Perante a autoridade de hagiógrafo que Tomás de Celano tinha na Ordem, o Ministro geral deve ter-lhe endereçado o pedido para reformular alguns pontos da sua *Legenda da Úmbria* e elaborar uma nova legenda¹⁸.*

Terceira hipótese – Fr. Crescêncio de Jessi e a *Legenda da Úmbria*

A morte de Fr. Aymon de Faversman, em 1244, trouxe à Ordem um momento de incerteza. No capítulo de Génova de 1244 tentou-se, através da intervenção de um irmão irlandês, uma reconciliação com Fr. Elias¹⁹. Mas sem grande sucesso. Fr. Crescêncio de Jessi, formado em direito e medicina, foi eleito Ministro geral. Foi deposto em 1247 por ser considerado “in officio inutilis”. No capítulo de Génova apareceu como medida de compromisso. O capítulo tomou a decisão de convidar todos os irmãos a

¹⁷ IC 109, 5.

¹⁸ Sobre esta hipótese cf. DALARUN, p. 194-204.

¹⁹ Cf. Crónica de Tomás de Eccleston, nº 56.

recolher os sinais e milagres de S. Francisco, encarregando ao mesmo tempo Tomás de Celano de redigir um Tratado dos Milagres. Esta decisão capitular pode ser vista como uma forma de ultrapassar as divisões entre os irmãos. Endereçando a todos o convite de se debruçar sobre figura de S. Francisco, seria a forma encontrada de ultrapassar as divisões entre os irmãos. Tomás de Celano teria aproveitado este convite, não para redigir a obra que conhecemos como Vita Secunda, mas para dar uma resposta ao Anónimo Perusino. Assim teria aparecido a Legenda da Úmbria.

Podemos dizer que é à volta de Tomás de Celano e da sua relação e grande admiração por S. Francisco, que, respondendo ao Anónimo Perusino, nasce a “questão franciscana”. O Anónimo Perusino apresenta a Ordem dos Frades Menores como o resultado elaborado de maneira progressiva e muito humana. Tomás de Celano responde que a formação da Ordem assenta num milagre operado por Deus na pessoa de Francisco, um santo extraordinário. Em vez de seguir a via da reconciliação decidida no Capítulo de Génova, Tomás de Celano optou pela via da polémica, respondendo ao Anónimo Perusino. Citando Dalarun, estamos em frente de duas visões sobre a construção da Ordem dos Frades Menores: “D’un côté, dans la vision de frère Jean, du groupe des compagnons procede François, de la fraternité procede l’Ordre, l’Ordre qui réalise un plan divin. De l’autre, dans la vision de Thomas, Dieu marque d’emblée François de son sceau, du charisme découle l’institution, la prédileccion de «l’ami du Crucifié» distingue Élie de l’amasse des frères et les compagnons en sons réduit à se distribuer les seconds rôles (les bons et les mauvais) à l’ombre du saint”²⁰.

Depois de considerar estas três hipóteses, Dalarun anota algumas certezas a reter sobre a Legenda da Úmbria:

²⁰ DALARUN, p. 211-212. Sobre a terceira hipótese cf. DALARUN p. 204-218.

- *Existe um texto a que demos o nome de Legenda da Úmbria que pode ser reconstituído a partir de um manuscrito de Terni e dois manuscritos de Nápoles e um de Assis.*
- *Através destes manuscritos podemos reconstruir o texto original.*
- *Este texto não é a versão provisória (rascunho) de uma das lendas conhecidas, mas uma obra hagiográfica autónoma.*
- *Esta obra foi composta entre a Vita sancti Francisci, de Julião de Espira e a Vita Secunda de Tomás de Celano.*
- *Teve como fonte inspiradora a Vita Prima e a Legenda ad usum Chori de Tomás de Celano e a Vita sancti Francisci de Julião de Espira.*
- *Serviu como fonte para os dois últimos capítulos da Legenda dos Três Companheiros da Vita Secunda e do Tratado dos Milagres de Tomás de Celano.*
- *Esta obra pelas suas raízes estilísticas pode ser atribuída a Tomás de Celano.*
- *Foi redigida no Sacro Convento de Assis, durante um curto espaço tempo.*
- *A Legenda da Úmbria não foi concebida intencionalmente para o uso litúrgico.*
- *As três cópias mais antigas que conhecemos foram redigidas no Sacro Convento de Assis.*
- *A difusão foi limitada no tempo e provavelmente também no número de exemplares.*
- *A Legenda da Úmbria exprime um ponto de vista favorável a Fr. Elias.*
- *Dá um relevo especial aos estigmas, à canonização, à trasladação e aos milagres.*
- *Está patente na Legenda da Úmbria uma visão vertical legitimante, que desce de Deus a Francisco, de Francisco a Elias e de Elias aos Irmãos.*
- *Aparece como a contraposição ao Anónimo Perusino.*
- *Como todos os escritos de Celano foram compostos a mando de alguém, também esta Legenda teve a mesma origem.*

– Foi escrita com alguma pressa e saiu rapidamente de circulação.

Comparando a Legenda da Úmbria com o Anónimo Perusino, Dalarun mostra como esta legenda deve ter chocado grande parte dos irmãos que estavam presos à imagem providencial de Francisco como fundador carismático. É assim que a Legenda da Úmbria pode fazer luz sobre as correntes presentes na Ordem dos Frades Menores entre 1235 e 1253, mais concretamente entre 1239 e 1247. Para Dalarun, a questão franciscana tal como é anunciada por Sabatier, é uma boa questão, mas mal colocada. Sabatier leu a história das tensões entre os Frades menores durante o século XIII à luz do conflito anacrónico dos espirituais e da comunidade, oposição que teria começado a manifestar-se depois de generalato de S. Boaventura. A Legenda da Úmbria vem mostrar como toda a problemática relacionada com a questão franciscana já está bem presente no período entre 1239 e 1247. Além disso, no entender de Dalarun, a Legenda da Úmbria pode ajudar a esclarecer alguns problemas em aberto, tais como: algumas questões anunciadas por Sabatier em relação à Legenda dos Três Companheiros; a questão das duas versões da Vita Secunda; a questão da relação da Vita Secunda e o Tratado dos Milagres. O insucesso da Legenda da Úmbria prefigura e esclarece um outro, a condenação da memória que levou à redacção da Legenda Maior e da Legenda Menor de S. Boaventura. Delarun termina assim o seu estudo: “Si François d’Assise est l’auteur de la question franciscaine, Thomas de Celano est un des principaux artisans de l’imbroglio hagiographique qui en resulte. Mais il nous a laissé la serrure et la clé. De la question franciscaine, dans ses dimensions heuristique et herméneutique, philologique et historique, sa Légende Ombrienne offre, croyons-nous, la promesse d’une résolution”²¹.

Na última parte da obra, Dalarun apresenta a primeira tradução francesa que será integrada na próxima edição francesa

²¹ DALARUN, p. 240

dos Escritos de S. Francisco, a ser publicada em 2009, com o texto latino que lhe serviu de suporte.

LEGENDA DA ÚMBRIA

Texto

I.I. Dois anos antes de a sua alma partir para o céu²², o amigo de Deus, Francisco, teve no ermitério chamado Alverne a visão de um serafim pairando no ar, com seis asas abertas acima dele, preso a uma cruz pelos pés e pelas mãos. Duas asas elevavam-se acima da cabeça, duas abriam-se para voar, e duas outras cobriam-lhe todo o corpo. Isto vendo, caiu violentamente o santo homem de Deus em profundo pasmo. Como, porém, não compreendesse o sentido e o propósito de tal visão, alternavam-lhe no coração sentimentos de alegria e de amargura. Experimentava um gozo imenso por se ver observado tão benignamente pelo serafim, cuja beleza era absolutamente incrível, mas sobremodo o aterrava também vê-lo cravado na cruz. Inquieto, reflectia no sentido desta visão, e todo se lhe agitava o espírito na ânsia de o conseguir. Mas nada pôde compreender claramente enquanto não viu surgir em si mesmo esse glorioso milagre, jamais ouvido nos séculos passados²³.

II. Por essa altura, começaram a aparecer-lhe nas mãos e nos pés marcas dos cravos, tal como antes as vira no homem crucificado, aparecido à sua frente. As mãos e os pés pareciam trespassados ao meio, deles sobressaindo as cabeças dos cravos, cujas pontas ressaíam do lado oposto. Com efeito, estas marcas eram redondas na palma das mãos, mas alongadas nas costas. Aparecia também uma pequena porção carnosa, semelhante à ponta dos cravos rebatida e encurvada, sobressaindo do resto da carne. O lado direito, que parecia atravessado por uma lança, estava coberto por uma cicatriz donde escorria um abundante fluxo de sangue, de

²² Por conseguinte, em 1224.

²³ Cf. 1C 94, 1-7; 3C4; TC 69, 1-4; AP 46.

tal modo que a túnica e os calções se tingiam do mesmo bendito sangue²⁴.

2. I. Como essas pérolas dele jorrassem, esforçou-se o homem de Deus em ocultar com extremo cuidado, aos olhos de todos, tão precioso tesouro, receoso de que, por qualquer descuidada familiaridade, algum dano viesse a padecer em tamanha graça recebida. Por isso, tinha sempre no coração, e frequentemente na boca, esta palavra profética: “Escondi no meu coração as tuas palavras para não pecar contra ti”²⁵.

II. Embora tenham sido muitos os que viram as marcas das mãos e dos pés do amigo do Crucificado enquanto viveu neste mundo, ninguém pôde ver a preciosa ferida do lado, à excepção de frei Elias²⁶. Em razão da especial afeição que Francisco lhe dedicava, Elias vestiu uma vez a sua túnica²⁷, depois de lhe ter dado a dele, em troca. Com tão piedoso ardil, obteve o que desejava.

III. Quanto a frei Rufino²⁸, autorizado a massajá-lo, tocou, de facto, a chaga com a mão, mas casualmente. O santo de Deus sofreu muito com este contacto e, afastando a mão de Rufino, suplicou ao Senhor que lhe perdoasse²⁹.

²⁴ Cf. 1C 95, 1-4; Tc 69, 5.

²⁵ Cf. 1C 96, 1-3

²⁶ Fr. Elias não fazia parte do grupo dos primeiros companheiros de Francisco. Acompanhou Francisco na viagem ao Oriente em 1219-1220. Com a morte de Pedro Catani, Elias, segundo as fontes, tornou-se vigário de Francisco ou ministro da fraternidade (1221-1227). Em 1227 foi eleito ministro geral Fr. João Parente e Fr. Elias dedicou-se totalmente à construção da Basílica de S. Francisco. Em 1232 volta a ser eleito Ministro geral e em 1239 é destituído do cargo por Gregório IX. Faleceu em 1253.

²⁷ A referência à túnica é inédito da LU.

²⁸ Fr. Rufino, originário de uma nobre família de Assis, era parente de Clara. Entra na Ordem depois da viagem a Roma. É um dos signatários da Carta de Gregório em 1246.

²⁹ Cf. 1C 95,7; 3C 4.

3.I. Durante o sexto mês que precedeu o dia do seu passamento³⁰, e estando perto de Sena, o mal de estômago prevaleceu sobre o dos olhos. Mais gravemente debilitado do que nunca em todo o corpo, pareceu ir ao encontro da morte. Frei Elias apressou-se a estar presente. Alegando-se com a sua presença, Francisco recompôs-se e foi com ele até Celle di Cortona³¹. Aí, como a doença se agravasse, fez-se transportar até Assis. A cidade rejubiliou com a sua vinda. Na esperança de vir a acolher em breve, no seu seio, tão precioso tesouro, todos exultaram unanimemente³².

II. Entretanto, a doença agravou-se e, encontrando-se ainda no palácio do bispo de Assis³³, todas as resistências do corpo se esgotaram. Privado já de forças, começou a ser mais atrozmente torturado em quase todos os membros. Como lhe perguntassem o que pensava de tão violento sofrimento corporal, afirmou que qualquer outro género de martírio lhe seria mais suave. “A vontade do Senhor, porém, – disse – torna leve o que é difícil”.

4. I. É certo que ele já via aproximar-se o dia derradeiro, tal como lho predissera dois anos antes frei Elias, a quem o Senhor se dignara revelar o fim do pai. Chamou para junto de si os irmãos e os filhos que ele amava e, dispondo do dom que do alto recebera, como outrora o patriarca Jacob³⁴, abençoou-os um a um.

II. Como frei Elias se encontrasse à sua esquerda, rodeado por outros filhos, cruzou as mãos e pousou a mão direita na cabeça de frei Elias³⁵. Privado, porém, da vista e do uso dos olhos exteriores, perguntou:

– “Em quem tenho pousada a minha mão direita?”

³⁰ Em Abril de 1226.

³¹ Eremitério de Celle, próximo de Cortona, na Toscana. Fr. Elias retirou-se para lá, a partir de 1245.

³² Cf. 1C 105, 3-8.

³³ No interior dos muros da cidade, próximo da catedral de S. Rufino, colocando o doente ao abrigo de qualquer tentativa de desvio do corpo do santo.

³⁴ Cf. Gn 49, 1-27; Cf. CE 4, 3; 1C 108.

³⁵ Cf. Gn 48;

– “Em Elias”, responderam.

– “É mesmo quem eu quero”, replicou. – “Filho, eu te abençoo em tudo e por tudo, a ti que, tomando nos ombros o meu cargo, corajosamente suportaste as necessidades dos irmãos³⁶. E pois que, por tuas mãos, o Altíssimo os fez crescer e os guardou³⁷, assim em ti os abençoo a todos. No céu e na terra te abençoe Deus, rei de todos os viventes. Quanto posso, e mais do que posso, eu te abençoo, e o que eu não puder, em ti o faça quem tudo pode.

III. Deus se lembre das tuas aflições e trabalhos e te reserve a porção que te cabe no dia da retribuição dos justos. Possas receber as bênçãos que desejas e justamente pedires. Ide, pois, todos, meus filhos, vivei no temor de Deus e nele permaneci sempre, pois se aproximam tempos de grande tentação e tribulação. Felizes os que perseverarem nas obras que principiaram. Quanto a mim, anseio ir para junto de Deus, a cuja graça vos recomendo³⁸.

5.I. Posto isto, pediu que o levassem a Santa Maria da Porciúncula, pois desejava entregar a alma a Deus onde, pela primeira vez, conhecera claramente o caminho da verdade.

II. Ficara a conhecer por experiência própria que este lugar estava cheio duma graça singular e que recebia com frequência a visita dos espíritos celestes. Desejou sempre que este lugar fosse guardado com honra pelos irmãos, porquanto a nova religião³⁹, nele implantada e desenvolvida, encheria a terra inteira.

III. Tendo, pois, repousado alguns dias no lugar que tanto havia desejado, e soubesse já próxima a hora da morte, mandou

³⁶ O reconhecimento do papel de Fr. Elias como sucessor de S. Francisco, é inédito da LU.

³⁷ O acrescento “conservavit” só se encontra na LU. Pode significar que Elias, crescido o número dos irmãos enquanto vigário de Francisco (1221-1227), os guarda agora como Ministro geral da Ordem (1232 a 1239).

³⁸ Cf. 1C 108, 2-10.

³⁹ O termo *religio*, no latim medieval designava um género de vida religiosa.

chamar frei Ângelo⁴⁰ e frei Leão⁴¹, que eram os mais queridos de todos⁴², e ordenou-lhes que, na iminência da morte, alegremente cantassem os Louvores do Senhor⁴³.

6.I. Com as forças que pôde, entoou ele mesmo o salmo: “Em voz alta clamo ao Senhor, em alta voz imploro ao Senhor”. Ordenando que lhe trouxessem o livro dos Evangelhos, pediu que lhe lessem o Evangelho segundo João, a partir do lugar que começa deste modo: “Seis dias antes da Páscoa.⁴⁴”

II. Seguidamente, voltando-se para um irmão, a quem dispensava singular affecto⁴⁵, disse-lhe: “A todos os meus irmãos, tanto ausentes como presentes, abençoarás da minha parte. Eu lhes perdoo todas as suas faltas e ofensas e os absolvo tanto quanto me é permitido.”

III. Deitado sobre um cilício polvilhado de cinza, foi rodeado pelos filhos e irmãos em lágrimas. Por fim, foi esta bendita alma liberta da carne e absorvida pelo abismo da claridade, enquanto o corpo adormecia no Senhor.

⁴⁰ Fr. Ângelo Tancredo de Rieti, nobre de nascença, fazia parte do primeiro grupo dos irmãos recrutados antes da viagem a Roma. Foi um dos três signatários da Carta de Gréccio, em 1246. Está sepultado na Basílica de S. Francisco, em Assis.

⁴¹ Fr. Leão entrou na fraternidade em 1205, depois da viagem a Roma. Ordenado sacerdote, foi confessor de Francisco. Foi um dos três assinantes da carta de Gréccio, em 1246. Está sepultado na Basílica de S. Francisco, em Assis.

⁴² A ideia da predileção de Francisco por estes irmãos (speciales) já é sugerida na 1C 109, 5, mas sem citar os nomes. A LP cita os dois nomes (100, 9), mas sem dizer que eram predilectos. Só na LU se mencionam os nomes e se fala da especial predileção.

⁴³ Segundo LP (100, 10) os dois irmãos cantaram o Cântico do Irmão Sol.

⁴⁴ Celano cita por engano a Jo 12, 1 (encontro com os amigos de Betânia) em vez de Jo. 13, 1 (Última Ceia) a que efectivamente se refere. Cf. 1C 109-110.

⁴⁵ Refere-se a Fr. Elias. Cf. 1C 109, 7.

IV. Um dos discípulos⁴⁶, de grande fama, viu a alma do santo pai como uma estrela do tamanho da lua e um fulgor maior que o do sol subir para o céu, sustentada por uma nuvem branca vogando num extenso manto de água.

7.1. Disto informado, ocorreu o povo em grande multidão, louvando e glorificando o nome do Senhor. Em tropel, toda a cidade de Assis e das redondezas acudiu para ver as maravilhas de Deus que o Senhor tão gloriosamente tinha manifestado em seu servo. Os filhos lamentavam-se de se verem privados de um tal pai e, com lágrimas e suspiros, exprimiam os piedosos sentimentos de seus corações⁴⁷. Entretanto, a notícia do milagre transformou o pranto em alegria e a aflição em contentamento. Viam o corpo do bem-aventurado pai decorado com as chagas de Cristo: nas mãos e nos pés não já as aberturas dos cravos, mas os próprios cravos feitos pela sua carne, ou antes, nascidos da mesma carne, conservando a negrura do ferro, e o lado direito rubro de sangue. A carne, antes morena, resplandecendo agora de extrema alvura, era já o penhor da bem-aventurada ressurreição. Todos os seus membros haviam voltado à frescura da infância: agora flexíveis, não tinham a rigidez que têm de ordinário os mortos⁴⁸.

II. Os filhos choravam de alegria e osculavam no pai estas insígnias de soberano rei⁴⁹.

III. Os irmãos e filhos, que tinham afluído com a multidão do povo, passaram em louvores divinos a noite do desenlace do pai, conquanto, mercê da doçura dos cânticos e o clarão das luzes, mais parecesse uma velada de anjos⁵⁰.

⁴⁶ Em IC 110, 5, (ao contrário de LU e TC 68, 2) refere que o irmão ainda era vivo. Na Crônica de Bernardo de Besse diz-se que se trata de Fr. Tiago de Assis.

⁴⁷ Esta frase e o texto que se segue lembram a *Carta Encíclica de Fr. Elias*, escrita por ocasião da morte de S. Francisco.

⁴⁸ Cf. IC 112-113.

⁴⁹ Esta metáfora real para designar Deus confirma o sentido dos “estigmas” como sinal que certifica a santidade de Francisco. Cf. IC 113.

⁵⁰ Cf. IC 116.

8.I. De manhãzinha, todos os que tinham comparecido pegaram em ramos de oliveira e de outras árvores. No clarão das luzes multiplicadas, ao som de trombetas, entre hinos de louvor, transportaram o corpo sagrado para a cidade de Assis. Quando os filhos, levando o piedoso pai, chegaram ao lugar onde tinha fundado a religião das Senhoras Pobres, fizeram uma breve paragem na igreja de São Damião. A janela por onde, em determinados dias, as servas de Cristo costumam receber⁵¹ o sacramento do corpo do Senhor, foi aberta⁵². Então a senhora Clara, verdadeiramente clara pela santidade dos seus méritos, e primeira entre todas, por ter sido a primeira planta desta santa Ordem⁵³, avançou com as outras filhas para ver o corpo amortalhado do santíssimo pai.

II. Contemplando-o banhadas em lágrimas, começaram a exclamar por entre redobrados suspiros e vozes entrecortadas: “Pai, pai, que vai ser de nós? Porque nos abandonas, porque nas deixas em tamanha desolação? Contigo desaparece toda a nossa alegria. Nenhuma outra nos resta, sepultadas no mundo”. Continuando embora a acariciar as mãos adornadas com tão preciosas e insignes pérolas, procuravam conter a torrente das lágrimas. Por fim, dali o levaram e fechou-se para elas a porta que jamais seria aberta para uma tamanha ferida⁵⁴.

⁵¹ O verbo no presente, tal como em IC 116,6, indica que a Legenda é anterior a 1260, ano em que as irmãs deixaram S. Damião.

⁵² Esta janela ou grade de ferro, através da qual as irmãs recebiam a comunhão, encontra-se actualmente em Assis, na capela do Santíssimo Sacramento da basílica de Santa Clara.

⁵³ A implantação da «religião das irmãs pobres» (*religionem pauperum dominarum*) é apresentada como obra de Francisco. Clara é a primeira planta (*quia prima planta huius sancti ordinis fuit*). O termo *Ordo*, é um degrau institucional superior ao de *religio*. Em 1221, o cardeal Hugolino esforçou-se por dar vida a uma «*religio pauperum dominarum de Valle Spoleti, sive Tuscia*». No fim dos anos 1220 e durante os anos 1230 afirma-se a existência de uma «*ordo Sancti Damiani*», criada sob o impulso de mesmo cardeal Hugolino.

⁵⁴ Cf. IC 116-117.

III. Chegando todos à cidade, depositaram os sagrados despojos num lugar consagrado, entre manifestações de imenso júbilo. Nesse lugar⁵⁵, criança ainda, tinha ele aprendido as primeiras letras e, mais tarde, começado a pregar. Desse modo, e tal como convinha, um começo feliz teria um final mais feliz ainda, para que fosse coroada com uma glória ainda maior⁵⁶.

9. No ano 1226 do nascimento do Senhor, a 4 de Outubro, num domingo, vinte anos decorridos sobre a sua perfeita entrega a Cristo e o seguimento da vida e passos dos apóstolos, o homem apostólico Francisco, liberto já dos entraves da vida mortal, partiu feliz para Deus. Sepultado no lugar que já referimos, continua a brilhar por toda a parte com tantos e tais prodígios e milagres, que em breve arrastou uma grande parte do orbe a admirar o novo século. Em várias regiões se tornou célebre pela luz nova dos seus milagres e de toda a parte acorreram os que se regozijavam de ter sido libertos dos seus males, graças a ele. O senhor papa Gregório [IX]⁵⁷, que se encontrava então em Perusa⁵⁸, começou a deliberar sobre a sua canonização com todos os cardiais e outros prelados das várias Igrejas. Todos exprimem unanimemente o mesmo parecer. Todos lêem e aprovam os milagres que o Senhor operou pelo seu servo e enaltecem com os maiores louvores a vida e a conduta do bem-aventurado pai. São então convocados os príncipes da terra para tão grande solenidade e, no dia fixado, todo a assembleia dos prelados e a mole imensa do povo penetra com o venturoso papa na cidade de Assis. Dirigindo-se ao lugar preparado para um tão solene encontro, o papa Gregório prega primeiramente a todo o povo e proclama com suave emoção as maravilhas de Deus. Louva

⁵⁵ A igreja de S. Jorge, incorporada na basílica de Santa Clara, onde é hoje a capela do Santíssimo Sacramento.

⁵⁶ Cf. 1C 23; 118,1.

⁵⁷ Gregório IX, papa de 19 de Março de 1227 a 22 de Agosto de 1241.

⁵⁸ O Papa abandonou Roma na segunda-feira de Páscoa, 27 de Março de 1228, por causa da sublevação do povo romano, então favorável a Frederico II. Estabeleceu-se primeiro em Rieti, depois em Espoleto, passando em Assis de 26 de Maio a 10 de Junho, em Perúcia de 13 de Junho a 13 de Julho, regressando novamente a Assis.

também o santo pai Francisco com um sermão nobilíssimo e, ao evocar a pureza da sua vida, irrompe em lágrimas⁵⁹.

10. Terminado o sermão e levantando as mãos ao céu, o papa Gregório proclamou em voz vibrante: “Para louvor e glória de Deus todo poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, da bem-aventurada Virgem Maria, dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, e para honra da Igreja romana, com o conselho dos nossos Irmãos e demais prelados, decretamos que o beatíssimo pai Francisco, aquele que Deus glorificou no céu e nós veneramos na terra, seja inscrito no catálogo dos santos e a sua festa solenemente celebrada no dia aniversário da sua morte”. Concluídas estas palavras, os cardeais, com o senhor papa, entoaram em alta voz o *Te Deum laudamus*.

De entre o imenso gentio elevou-se então um imenso clamor e, ao som dos sinos e de vibrantes trombetas, inundou-se a terra de brados, o ar de cânticos de alegria e o chão de lágrimas. Num dia deslumbrante de cores e de luzes, agitam-se no ar ramos verdes de oliveiras e folhagens de outras árvores. Um aparato festivo põe fulgurâncias no ar e nos rostos de todos os presentes, enquanto a bênção da paz lhes inunda de alegria os corações. Por fim, o papa Gregório desce do seu trono e beija com os seus felizes lábios o túmulo que encerra o corpo consagrado ao Senhor. Eleva ao céu repetidas preces e celebra os santos mistérios. Todo o povo se associa aos louvores de Deus e rende ao seu santo as graças que lhe são devidas. Tudo isto aconteceu no ano de 1228 da encarnação do Senhor, a 16 de Julho, segundo ano do pontificado do senhor papa Gregório IX⁶⁰.

11. Dois anos depois destes acontecimentos⁶¹, foi o corpo do santíssimo pai transportado com grandes honras de onde tinha sido primeiramente sepultado para a igreja construída de novo em

⁵⁹ Cf. IC 88; 123-125; AP 46-47; TC 68. 71.

⁶⁰ Cf. IC 126; AP 47; TC 71.

⁶¹ Dia 25 de Maio de 1230, a mesma data que vem na Crónica de Julião de Espira (76), o primeiro hagiógrafo que fala da trasladação.

sua honra, fora dos muros da cidade⁶². Neste mesmo lugar foi também celebrado um capítulo geral por ocasião de uma grande solenidade e de várias partes do mundo acorreu uma imensa multidão de irmãos⁶³. Além disso, afluíu de toda a parte uma tão grande quantidade de gente que a cidade não a pôde conter e acabou por encher os campos e os caminhos em todo o redor. É certo que o senhor papa Gregório não pôde estar presente a uma tão grande solenidade, impedido por outros deveres da Igreja, mas enviou mensageiros oficiais, portadores de uma das suas cartas⁶⁴, em que explicava os motivos da ausência. Enviou também à basílica do bem-aventurado Francisco uma cruz de ouro adornada com pedras preciosas e, nela embutido, um pedaço do lenho da Cruz do Senhor. Enviou também ornamentos e vasos destinados ao serviço do altar, bem como outras vestes litúrgicas de grande preço. Quanto à igreja, para cujas fundações tinha assentado a primeira pedra⁶⁵, isentou-a de toda a jurisdição inferior à autoridade apostólica⁶⁶. Graças sejam dadas a Deus⁶⁷. Amen.

⁶² Foi de S. Jorge para a Igreja de S. Francisco. A construção foi iniciada pouco tempo depois da canonização. As obras foram orientadas por Fr. Elias. Cf. a bula *Recolentes qualiter*, de Gregório IX, de 29 de Abril de 1228.

⁶³ Sobre este capítulo muito concorrido e movimentado relata Julião de Espiraç (75) e Eccleston (13). A Bula de Gregório IX *Speravimus hactenus*, de 16 de Junho de 1230 também se refere a este capítulo.

⁶⁴ Refere-se À Carta *Mirificans misericordias suas*, de 16 de Maio de 1230.

⁶⁵ Certamente depois da canonização, em 22 de Abril de 1228.

⁶⁶ Bula *Is qui Ecclesiam*, de 22 de Abril de 1230.

⁶⁷ Cf. 3C 72, 2-5.

b

Tratado dos Milagres [Paralíticos curados]

1. O bem-aventurado Francisco, porta-estandarte do Rei eterno, fez este grande milagre no mesmo dia em que foi sepultado. Levaram ao seu túmulo uma menina que havia já um ano tinha o pescoço horrivelmente torcido. A cabeça tombava-lhe sobre o ombro de tal maneira que não podia olhar para ninguém senão de través. No momento exacto em que apoiou a cabeça no sarcófago que encerra o precioso corpo do familiar de Cristo, imediatamente se lhe endireitou o pescoço. Surpreendida com tão rápida transformação, dali saiu banhada em lágrimas. Em consequência da má posição a que a mantivera por tanto tempo a enfermidade, ficou-lhe um rebaixo no ombro, no sítio onde antes apoiava a cabeça⁶⁸.

2. No condado de Narni, um rapazinho tinha a perna torcida para trás com uma tão forte contracção que não conseguia de modo nenhum caminhar sem o amparo de duas muletas. Apoquentado com esta deformidade já desde a infância, tornara-se mendigo e nem sequer conhecia o pai e a mãe. Liberto deste mal pelos méritos do bem-aventurado Francisco, passou a andar livremente desde então, sem o auxílio das muletas⁶⁹.

3. Um outro rapazinho, de Montenero⁷⁰, esteve vários dias estendido à porta da igreja onde repousa o corpo de São Francisco⁷¹. Sem forças e entevado da cintura para baixo, não podia

⁶⁸ Narni pertence à província de Terni, na Úmbria. Cf. 1C 127; 3C 160. Em todos os lugares onde se deram os milagres havia um convento franciscano. Cf. DALARUN, p. 277.

⁶⁹ Cf. 1C 128; 3C161.

⁷⁰ Há várias povoações com o mesmo nome: Montenero na Úmbria, perto de Perúsia,; Montenero perto de Todi; e Montenero na Sabina, Rieti.

⁷¹ Uma vez que o verbo está no presente (repousa) em 1C 133, trata-se da Igreja de S. Jorge, onde o corpo de Francisco repousou de 1226 a 1230. Apesar da

caminhar nem sentar-se. Conduzido à igreja, tocou o sepulcro do beatíssimo Francisco e saiu curado. Ele mesmo contava que, estando diante do túmulo do glorioso santo, um jovem vestido com o mesmo hábito dos irmãos se tinha aproximado dele por detrás e foi colocar-se em cima do sepulcro. Trazia peras nas mãos e, chamando-o, ofereceu-lhe uma pêra, enquanto o encorajava a pôr-se de pé. Tomando a pêra das mãos do jovem, o rapaz respondeu: “Bem vêes que sou entrevado e não me posso levantar”. Mas ele comeu a pêra que lhe era oferecida e estendeu a mão para uma outra que o jovem lhe dava. Este exortou-o novamente a levantar-se, mas, tolhido pela enfermidade, nem se mexeu sequer. Porém, ao estender a mão para a pêra, ao mesmo tempo que lhe dava o jovem, este agarrou-lhe a mão e, encaminhando-o para fora, desapareceu da vista. Vendo-se curado, pôs-se a bradar em alta voz contando o que lhe acontecera e a mostrar-se a todos⁷².

4. Na cidade de Cápua⁷³, uma mulher fez voto de visitar pessoalmente o sepulcro do bem-aventurado Francisco. Absorvida pelos cuidados da família esqueceu-se do que prometera e perdeu, de um momento para o outro, o uso do lado direito. Em resultado da contracção dos nervos, nem podia virar de lado a cabeça nem o braço. Cheia de dores, incomodava os vizinhos com gritos contínuos. A pedido de um sacerdote, dois irmãos que passavam diante da casa entraram para ver a infeliz. A mulher confessou o esquecimento do voto, recebeu a bênção deles e, nesse mesmo instante, levantou-se curada. Tornada mais prudente com a punição, cumpriu sem demora o voto que fizera⁷⁴.

5. Bartolomeu de Narni⁷⁵ tinha adormecido à sombra duma árvore. Por artes demoníacas, perdeu por completo o uso de uma perna e de um pé. Era um homem muito pobre e não sabia a quem

trasladação em 1230, Celano conservou a informação tal como estava em 1C, tanto na LO, como em 3C.

⁷² Cf. 1C 133; TC 166.

⁷³ Cápua fica na província de Caserta, na Campanha.

⁷⁴ Cf. 3C 172.

⁷⁵ Cf. nota 68.

recorrer. Mas o amigo dos pobres, Francisco, porta-estandarte de Cristo⁷⁶, apareceu-lhe em sonhos e recomendou-lhe que se dirigisse a um determinado lugar⁷⁷. Como, ao dirigir-se para esse lugar, se enganasse no caminho, ouviu uma voz que lhe disse: “A paz de Cristo⁷⁸! Eu sou aquele a quem te confiaste”. E encaminhando-o para o dito lugar (ou, pelo menos, para aquele que ao infeliz pareceu ser o certo), impôs sobre ele as mãos, uma no pé e a outra na perna, e curou-lhe os membros já ressequidos. Era um homem de idade avançada e havia já seis anos que estava parálitico⁷⁹.

[Mortos ressuscitados pelos méritos do bem-aventurado Francisco]

6. Na cidade de Cápua⁸⁰, um menino brincava nas margens do rio Voltorno⁸¹, na companhia de muitos outros. Imprudente, caiu ao rio, a corrente engoliu-o rapidamente e, já cadáver, ficou sepultado no lodo. Ao grito das crianças que com ele brincavam, acorrerem ao local muitos homens e mulheres. Ao saberem da queda da criança, puseram-se a gritar, chorando: “São Francisco, São Francisco, restitui este menino ao pai e ao avô, que tanto têm feito ao teu serviço⁸²”. De facto, tanto o pai como o avô da criança tinham-no servido devota e dedicadamente numa igreja consagrada em sua honra. Como toda a multidão invocasse com súplicas repetidas os méritos do bem-aventurado Francisco, um banhista que se

⁷⁶ Cf. LO 1.

⁷⁷ 1C 135 refere que “fosse banhar-se a determinado sítio”.

⁷⁸ Nas duas Regras conservadas, Francisco recomenda aos seus irmãos que ao entrarem em alguma casa digam, em conformidade com Lc 10, 15, “*A Paz seja nesta casa*”. Cf. 1R 14, 3; 2R 3, 14; No Testamento (23) aconselha a dizer a saudação “*O Senhor te dê a paz*”. Em 1C 23 vem referido que Francisco começava os seus sermões com a expressão “*Dominus det vobis pacem*”, de acordo com 2Ts 3, 16.

⁷⁹ Cf. 3C 173.

⁸⁰ Cf. nota 73.

⁸¹ Voltorno nasce nos Apeninos, passa em Cápua e vai desaguar no mar em Castelo Voltorno.

⁸² Esta expressão podia sugerir que o pai e o avô trabalharam na construção da igreja.

encontrava ao largo, alertado pelos gritos, correu prontamente. Ao saber que a criança tinha caído já há muito no rio, invocou o nome de Cristo e, confiando nos méritos do bem-aventurado Francisco, despiu-se e atirou-se nu para a corrente. Ignorando o sítio exacto onde caíra, pôs-se a pesquisar atentamente as margens e o fundo do rio. Finalmente, por mercê divina, encontrou o sítio onde o lodo tinha coberto o cadáver da criança como num sepulcro. Descoberta e retirada dali, viu com tristeza que estava morta. Chorando e lamentando-se, juntou-se ao clamor de toda aquela gente: “São Francisco, restitui esta criança ao pai!” Até os judeus que tinham ocorrido, movidos de natural compaixão⁸³, diziam também: “São Francisco, restitui esta criança ao pai!” Comovido com a devoção e as súplicas da multidão – como se veio a demonstrar pelo resultado – o bem-aventurado Francisco ressuscitou de imediato o menino morto. Como este voltasse à vida, suplicou, perante a alegria geral e o espanto de todos, que o levassem à igreja do bem-aventurado Francisco. E todos louvaram a Deus que se dignava operar tais prodígios por intercessão do seu servo⁸⁴.

7. Na cidade de Sessa⁸⁵, no bairro chamado das “Colunas”, o diabo, que arruina as almas e mata os corpos, destruiu uma casa, fazendo-a ruir. O seu intento, com efeito, era matar as crianças, que em grande número se entretinham à sua volta em folguedos infantis. Mas não conseguiu matar senão um jovem, apanhado na derrocada. Alertados pelo estrondo da queda, homens e mulheres acudiram de todas as partes. Levantando barrotes de um e outro lado, levaram à infeliz mãe o filho morto. Esta esganhava o rosto, arrancava os cabelos e, sufocada por amargos soluços e uma torrente de lágrimas, clamava a custo: “São Francisco, são Francisco, dá-me o meu filho!” Não só ela, mas todos os que com ela estavam, homens e mulheres, choravam amargamente, dizendo: “São Francisco, restitui o filho a esta infeliz mãe!” Ao cabo de uma hora, vencendo ela a terrível dor e caindo em si, emitiu este

⁸³ Não é preciso ser cristão para reconhecer algo que foge às leis da natureza.

⁸⁴ Cf. 3C 44; LMmil 2, 5.

⁸⁵ Sessa Arunca, na província de Caserna, na Campanha.

voto: “São Francisco, restitui a esta pobre mulher o filho querido, que eu cercarei o teu altar com um fio de prata e o cobrirei com uma nova toalha e acenderei velas a todo o redor da tua igreja”. O povo pôs então o cadáver num leito e, como fosse já noite, esperaram pela manhã, a fim de lhe darem sepultura. Por volta da meia-noite, porém, o jovem entrou a mexer-se. Os membros começaram a ganhar calor e, antes mesmo do alvorecer, voltou inteiramente à vida e irrompeu em palavras de louvor. O povo, todo em peso, e o clero, ao vê-lo são e salvo, renderam fervorosas graças ao bem-aventurado Francisco⁸⁶.

8. Na Sicília, um jovem de nome Girlandino, natural de Ragusa⁸⁷, foi com os pais para umas vinhas, na altura das vindimas. Estando no lagar, dirigiu-se para debaixo da prensa a fim de encher os odres. De repente, o engenho das vigas desconjuntou-se e as enormes pedras que esmagavam o bagaço racharam-lhe a cabeça com um golpe mortal. Precipita-se o pai para o filho, mas, ao vê-lo esmagado, desespera de lhe prestar socorro e deixa-o debaixo dos escombros, tal como o vira. Ao ouvirem os gritos de dor, os vinhateiros acorreram apressados e, compadecidos do inditoso pai, retiraram o filho do meio do entulho. Posto a recato o corpo sem vida, cobriram-no e só se preocuparam em lhe dar sepultura. Mas o pai lança-se aos pés de Jesus e implora-lhe com todo o fervor que, pelos méritos de São Francisco, cuja festa se aproximava, se dignasse restituir-lhe o filho único. Redobra de orações, faz voto de se consagrar a obras de piedade e promete visitar quanto antes as relíquias do santo homem de Deus. Entretanto, a infeliz mãe, acorrendo pressurosa, precipitou-se desvairada sobre o filho morto e, em lágrimas, fez redobrar a aflição dos que já o pranteavam. De repente, o rapaz endireita-se, repreende os presentes em lágrimas e alegra-se por ter sido restituído à vida, graças aos sufrágios de São Francisco. Então toda a gente que ali

⁸⁶ Cf. 3C 45.

⁸⁷ Ragusa, na Sicília.

tinha afluído louvou a Deus no mais alto dos céus, pois libertara um defunto das garras da morte pela intercessão do seu santo⁸⁸.

9. Ressuscitou também um quarto morto, na Alemanha. Quando decorria a trasladação do bem-aventurado Francisco⁸⁹, o senhor papa Gregório [IX] confirmou, cheio de júbilo, esta ressurreição com cartas apostólicas dirigidas a todos os irmãos que tinham vindo a Assis para a trasladação e para o capítulo⁹⁰. Não pus por escrito o relato deste milagre porque, não tendo dele conhecimento, julguei que o testemunho pontifício valia mais que qualquer outra forma de registo. Mas passemos a outras pessoas, a quem ele tirou das garras da morte⁹¹.

[Dos que ele subtraiu das garras da morte e reconduziu à vida]

10. Na Sicília, acabava a alma de um jovem da aldeia de Piazza⁹² de ser encomendada ao Criador pelos sacramentos da Igreja, quando graças à intercessão do santo pai, no momento em que ela lhe era recomendada por um dos seus tios, foi chamada das portas da morte pelo mesmo são Francisco⁹³.

11. No mesmo burgo, um rapaz chamado Alexandre, puxava uma corda com os companheiros do fundo de um precipício. A corda partiu-se e caiu do alto do rochedo. Subido em seguida, foi dado por morto. Como o pai, entre lágrimas e soluços, o tivesse confiado ao santo de Cristo, Francisco, foi por ele recuperado são e salvo⁹⁴.

⁸⁸ Cf. 3C 47.

⁸⁹ A 25 de Maio de 1230 (LO 11).

⁹⁰ Trata-se da Carta *Mirificans misericórdias suas*, de 16 de Maio de 1230 (BF T.1). A carta foi expedida de Latrão e dirigida ao ministro e aos irmãos de toda a Ordem dos Menores reunidos em capítulo geral. Tomás de Celano não tinha outra fonte de informação sobre este milagre além da própria carta papal

⁹¹ Cf. 3C 48; LMmil 2, 8.

⁹² Piazza Armerina, na província de Enna.

⁹³ Cf. 3C 62.

⁹⁴ Cf. 3C 63

12. Uma mulher deste mesmo burgo fortificado, vítima de tísica, tinha chegado a uma situação extrema. Achando por bem encomendar-lhe a alma, as pessoas que a rodeavam recomendaram-na primeiro ao santíssimo Pai e imediatamente recuperou a saúde⁹⁵.

13. Tinham dois homens concertado dirigir-se ao burgo de Erice⁹⁶, no monte Trepano, por uma questão de negócios, quando um deles foi atingido por doença mortal. Chamados os médicos em seu socorro, não conseguiram salvá-lo. O companheiro, que continuava de boa saúde, fez este voto a São Francisco: caso o doente recobrasse a saúde pelos méritos do santo, guardaria a sua festa assistindo todos os anos à missa solene. Aconteceu que, feito o voto e já de volta a casa, o enfermo que ele tinha deixado sem voz e sem consciência, dando mesmo a impressão de já ter pago o tributo à morte, foi por ele encontrado de perfeita saúde⁹⁷.

14. Uma criança da cidade de Todi⁹⁸ havia já oito dias que jazia no leito, semi-morta. Tinha a boca inteiramente fechada, o olhar apagado e a pele do rosto, das mãos e dos pés tão enegrecida que nem uma marmita. Já as pessoas desesperavam da sua vida, quando, mercê de um voto de sua mãe, se curou com admirável rapidez. Embora a criança não soubesse ainda falar, dava a perceber, balbuciando, que tinha sido curada pelo bem-aventurado Francisco⁹⁹.

15. Um jovem encontrava-se num lugar de grande altura. Caindo de lá, perdeu a fala e o exercício dos membros. Como nos três dias seguintes não comesse nem bebesse e tivesse perdido a consciência, julgaram-no morto. A mãe não pediu auxílio aos

⁹⁵ Cf. 3C 64.

⁹⁶ O castelo de Erice, erguido sobre o monte S. Guiliano, domina a cidade de Trapani, na Sicília.

⁹⁷ Cf. 3C 66

⁹⁸ Todi, na província de Perúsia, Úmbria.

⁹⁹ Cf. 1C 139; 3C 67.

médicos: preferiu suplicar ao bem-aventurado Francisco a cura do filho. Feito o voto, recuperou-o vivo e de perfeita saúde e pôs-se a louvar o poder do Criador¹⁰⁰.

16. Uma criança de Arezzo¹⁰¹, de nome Gautier, padecia de febres contínuas e de um duplo abcesso. Todos os médicos já haviam desesperado de o tratar. Os pais fizeram um voto ao bem-aventurado Francisco e ele voltou à saúde tão ardentemente desejada¹⁰².

[Cura de hidróticos, paralíticos e herniados]

17. Na cidade de Fano¹⁰³, um homem que padecia de hidropisia mereceu ser inteiramente curado desta enfermidade, graças ao bem-aventurado Francisco¹⁰⁴.

18. Uma mulher da cidade de Gúbio¹⁰⁵ jazia paralítica. Para se curar, invocou por três vezes o nome do bem-aventurado Francisco e foi logo liberta da sua enfermidade¹⁰⁶.

19. Uma menina de Arpino¹⁰⁷, diocese de Sora, sofria duma grave paralisia. Os membros inertes, contorcidos pelos nervos, incapaz de qualquer actividade humana, mais parecia atormentada por um demónio do que animada por um espírito humano. De facto, tão mirrada estava em virtude da doença, que dir-se-ia ter regressado ao próprio berço. Por fim, divinamente inspirada, a mãe levou-a no bercinho à igreja do bem-aventurado Francisco, situada perto de Vicalvi¹⁰⁸. Uma vez aí, mercê duma torrente de lágrimas e de redobradas orações, foi a rapariguinha liberta do perigo de toda

¹⁰⁰ Cf. 1C 140; 3C 68.

¹⁰¹ Arezzo, na Toscana.

¹⁰² Cf. 1C 140; 3C 69.

¹⁰³ Fano, na província de Pesaro et Urbino, Marca de Ancona

¹⁰⁴ Cf. 1C 140; 3C 69.

¹⁰⁵ Gúbio, província de Perúsia.

¹⁰⁶ Cf. 1C 142; 3C 71.

¹⁰⁷ Arpino, província de Frosinone.

¹⁰⁸ Vicalvi, província de Frosinone

a enfermidade, voltou à dimensão própria da sua idade e recobrou a saúde original¹⁰⁹.

20. Nesta mesma praça forte, um jovem fora afectado por uma paralisia tão grave que ficara com a boca fechada e os olhos torcidos. Foi levado por sua mãe à igreja que acabámos de mencionar. Não podia mover-se minimamente. Graças, porém, às orações que a mãe por ele fizera, foi restituído à saúde original, antes mesmo de regressar a casa¹¹⁰.

21. Em Poggibonsi¹¹¹, uma jovem de nome Ubentina, padecia de um mal caduco¹¹² tão grave como incurável. Já desesperando de qualquer remédio humano, os pais imploraram fervorosamente a intercessão do bem-aventurado Francisco. Depois, de comum acordo, fizeram ao bem-aventurado pai o voto de jejuar todos os anos na véspera da sua festa e de alimentar nesse dia um certo número de pobres, caso aliviasse a filha de tão terrível enfermidade. Feito o voto, a filha viu-se completamente curada. Recuperadas as forças, nunca mais voltou a sentir o mínimo vestígio da terrível doença¹¹³.

22. Pedro Mancanella, natural de Gaeta¹¹⁴, vítima de paralisia, perdeu o uso de um braço e de uma mão e ficou com a boca torcida até às orelhas. Tendo-se entregado ao cuidado dos médicos, perdeu sucessivamente a vista e o ouvido. Por fim, confiando-se fervorosamente à protecção do bem-aventurado Francisco, viu-se livre de todas estas enfermidades, graças aos méritos do santo de Deus¹¹⁵.

¹⁰⁹ Cf. 3C 72.

¹¹⁰ Cf. 3C 73.

¹¹¹ Poggibonsi, província de Siena, na Toscânia.

¹¹² Epilepsia (*caduco morbo*).

¹¹³ Cf. 3C 74.

¹¹⁴ Gaeta, província Latina.

¹¹⁵ Cf. 3C 75.

23. Um cidadão de Todi¹¹⁶ andava tão atormentado com uma artrite que, pela violência da dor, não encontrava o mais pequeno repouso. Finalmente, como o vissem reduzido a nada, e não o aliviassem minimamente os remédios receitados pelos médicos, fez um voto ao bem-aventurado Francisco, diante de um sacerdote. Emitido o voto, de imediato recuperou a saúde perdida¹¹⁷.

24. Um homem, de nome Bontadoso, sofria de uma dor tão forte nos pés que não conseguia deslocar-se, acabando por perder o apetite e o sono. Uma mulher persuadiu-o a confiar-se pela oração ao bem-aventurado Francisco. Mas o homem, atacado por uma dor vivíssima, dizia que não o tinha por santo. Entretanto, como a mulher insistisse com maior obstinação, a ele se confiou desta maneira: “Confio-me a são Francisco – disse – e acreditarei que ele é santo se me livrar desta enfermidade em menos de três dias”. De imediato, para sua própria surpresa, levantou-se e viu restituída a saúde perdida¹¹⁸.

25. Uma mulher encontrava-se doente e presa ao leito havia já muitos anos e não podia mexer-se de nenhum modo. Curada pelo bem-aventurado Francisco, pôde entregar-se às tarefas habituais¹¹⁹.

26. Um jovem da cidade de Narni¹²⁰ foi afectado durante dez anos por uma gravíssima enfermidade, a ponto de, todo inchado, não poder ser curado por nenhum remédio. Sua mãe consagrou-o a são Francisco e imediatamente recebeu dele o benefício da saúde¹²¹.

¹¹⁶ Cf. nota 98.

¹¹⁷ Cf. 3C 76.

¹¹⁸ Cf. 3C 77.

¹¹⁹ Cf. 3C 78.

¹²⁰ Cf. nota 68.

¹²¹ Cf. 3C 79.

27. Na mesma cidade, uma mulher teve a mão seca durante oito anos e não podia executar com ela qualquer trabalho. O bem-aventurado Francisco apareceu-lhe numa visão e, esticando-lhe a mão, tornou-a tão apta como a outra para o trabalho¹²².

28. No burgo fortificado de Espelo¹²³, havia já dois anos que um homem sofria tão intensamente duma hérnia que os intestinos lhe caíam sobre o baixo-ventre. Durante muito tempo não conseguia segurá-los e repô-los no lugar. Como recorresse aos médicos e estes julgassem o caso desesperado¹²⁴, voltou-se para o socorro divino. Invocados devotamente os méritos do bem-aventurado Francisco, foi logo admiravelmente curado, ante o espanto dos que o conheciam¹²⁵.

29. Um jovem de nome Jonatã¹²⁶, da diocese de Sora¹²⁷, padecia duma hérnia intestinal de tal gravidade que nenhuma receita dos médicos lhe dava sossego. Aconteceu que, um dia, dirigindo-se sua mulher à igreja dedicada a São Francisco, a fim de rezar pelo marido, um dos frades, homem de grande simplicidade, disse-lhe: “Diz a teu marido que se consagre ao bem-aventurado Francisco e faça o sinal da cruz no sítio da hérnia”. Ao regressar a casa, referiu isto mesmo ao marido. Consagrou-se ao bem-aventurado Francisco, fez o sinal da cruz no sítio da lesão e os intestinos voltaram ao seu devido lugar. Ficou o jovem espantado com a rapidez da cura tão inesperada e, para se certificar de que uma tal cura, tão rapidamente alcançada, fora verdadeira, pôs-se a fazer inúmeros exercícios. Ora sucedeu ao mesmo jovem que, estando a contas com uma febre muito alta, lhe apareceu em sonhos o bem-aventurado Francisco. Chamando-o pelo nome, disse-lhe: “Não temas, Jonatã, que serás curado da tua enfermidade”. Tanta fé foi

¹²² Cf. 3C 80.

¹²³ Spello, província de Perugia

¹²⁴ Em 1C 144 especifica-se que o homem se chamava Imperador e que não possuía o necessário para pagar aos médicos.

¹²⁵ Cf. 1C 144; 3C 113.

¹²⁶ Em 3C e LMmil 8, 2, João é o nome do miraculado.

¹²⁷ Sora, província de Frosinone.

prestada a este milagre que o bem-aventurado Francisco apareceu a um religioso, de nome Roberto, o qual, como lhe tivesse perguntado quem era, respondeu: “Sou Francisco e vim para curar um dos meus amigos”¹²⁸.

30. Na Sicília, um homem chamado Pedro padecia duma hérnia que lhe tinha aparecido nos testículos. Como tivesse prometido visitar o seu túmulo, foi miraculosamente curado¹²⁹.

De duas mulheres curadas de um fluxo de sangue e de outros males

31. Uma nobre mulher, de nome Rogata, da diocese de Sora¹³⁰, havia já vinte e três anos que padecia de um fluxo de sangue. Ouvindo uma criança cantar em dialecto romano os milagres que Deus fizera aqueles dias por intermédio do bem-aventurado Francisco, movida por uma dor extrema, irrompeu em lágrimas. Com uma fé ardente, começou a dizer para consigo: “ Bem-aventurado pai Francisco, por obra de quem se operam tantos milagres, nenhum maior terás feito até hoje se me livrares desta enfermidade ”. Com efeito, esta mulher parecia sucumbir a todo o instante por causa do abundante fluxo de sangue. Se, por acaso, o fluxo diminuía, era todo o corpo que inchava. Que mais dizer? Poucos dias mais tarde, sentiu-se livre por mercê do bem-aventurado Francisco. Com um simples voto, o santo curou também o seu filho, de nome Mário, que tinha um braço tolhido¹³¹.

32. Uma mulher da Sicília andava esgotada com um fluxo de sangue que já a atormentava havia sete anos. O bem-aventurado Francisco, porta-estandarte de Cristo, curou-a¹³².

¹²⁸ Cf. 3C 144.

¹²⁹ Cf. 3C 115.

¹³⁰ Cf. nota 127.

¹³¹ Cf. 3C 148.

¹³² Cf. 3C 149.

33. Na mesma ilha, sabendo uma mulher que era aquele o dia da festa do bem-aventurado Francisco, mas não se preocupando em se abster de trabalhos servis, preparou um almofariz de farinha. Quando a metia dentro e a amassava com os braços nus, apareceu repentinamente a salpicada de sangue. Vendo isto, espantada, pôs-se a chamar as vizinhas. À medida que iam chegando, mais sangue aparecia na massa. Arrepende-se a mulher do que fizera e promete nunca mais se ocupar em trabalhos servis no dia da festa do santo. Feita a promessa, as marcas de sangue desapareceram do meio da farinha¹³³.

34. Um clérigo de Vicalvi¹³⁴, de nome Mateus, bebera um veneno mortal. Tão mal se sentiu que não conseguia falar e só esperava que a morte o viesse buscar. Um sacerdote que dele se aproximou para o confessar não conseguiu arrancar-lhe uma única palavra. Mas o homem pedia humildemente em seu coração que o livrasse pelos méritos do bem-aventurado Francisco. Como, finalmente, pronunciasse o nome do bem-aventurado Francisco diante das testemunhas presentes, vomitou o veneno.

35. Um homem foi gravemente ferido na cabeça por uma flecha de ferro. Entrando pela órbita ocular, a flecha ficou espetada no crânio e de nada lhe valeram os médicos. Confiou-se devotamente ao santo de Deus, Francisco, na esperança de ser curado por sua intercessão. Estando a dormir, Francisco disse-lhe em sonhos que retirasse a flecha pela nuca. No dia seguinte, fazendo ele como vira em sonhos, ficou livre dela sem grande dificuldade.

36. Um religioso¹³⁵ sofria duma terrível fístula inguinal, a ponto de não haver para ele qualquer espécie de cura. Pedindo licença a seu ministro para visitar o santuário do bem-aventurado

¹³³ Cf. 3C 107.

¹³⁴ Cf. nota 108.

¹³⁵ Em 1C 145 especifica-se que o irmão era da Marca de Ancona e que pertencia à Ordem dos Frades Menores. Em 3C diz-se que este episódio teve lugar próximo da morte de S. Francisco.

Francisco¹³⁶, foi-lhe ela recusada pelo receio de que a fadiga lhe fizesse correr um perigo ainda maior, o que deixou o religioso um tanto contristado. Uma noite, são Francisco apareceu-lhe, dizendo: “Não te entristeças, filho, afasta a peliça que tens vestida e retira o emplastro da chaga. Observa a tua Regra¹³⁷ e ficarás imediatamente curado”. No dia seguinte, ao despertar, tudo fez como Francisco lhe mandara e obteve a cura que lhe tinha prometido¹³⁸.

(Daquele a quem livrou dumas ciladas, e de dois outros milagres)

37. Ocupava a cadeira de São Pedro o papa Gregório IX¹³⁹ quando se tornou urgente promover uma campanha contra os hereges em várias regiões¹⁴⁰. Nesta emergência, um homem de nome Pedro, da cidade de Alife¹⁴¹, foi preso em Roma, acusado de heresia. O senhor papa Gregório confiou-o à guarda do bispo de Tivoli¹⁴². Como o bispo o recebia sob pena de perder o episcopado, meteu-o a ferros. Mas como a simplicidade do homem lhe abonava a inocência, teve direito a uma vigilância mais suave. Porém, alguns nobres da cidade, movidos, segundo consta, pelo ódio que tinham ao bispo, desejavam que ele incorresse na pena anunciada pelo senhor papa. Deram então secretamente a Pedro o conselho de fugir. De acordo com eles, uma noite, evadiu-se, fugindo para longe. Sabendo da fuga, o bispo ficou extremamente irritado, não só pela pena em que incorria, quer por ver satisfeito o desejo dos seus inimigos. Como resultado, redobrou de cuidados. Enviando emissários a todo o redor, reencontrou o infeliz e, para

¹³⁶ Certamente a Igreja de S. Francisco.

¹³⁷ O conselho pode dar a entender que o irmão não era grande cumpridor da regra. Na realidade, vestia uma peliça, algo que seria contra a pobreza.

¹³⁸ Cf. 1C 145; 3C 196.

¹³⁹ Pode-se deduzir que o facto se deu depois de 22 de Agosto de 1241, data da morte de Gregória IX. Segundo Dalarun, este argumento não é válido.

¹⁴⁰ Desta campanha dá conta a Bula *Excommunicamus et anathematizamus*, de Gregório IX, de 21 de Fevereiro de 1231.

¹⁴¹ Alife, província de Caserta.

¹⁴² Tivoli, província de Roma. Giacomo Antonio Colonna foi bispo de Tivoli entre 1209 e 1248.

castigo da sua ingratidão, sujeitou-o à mais severa das vigilâncias. Mandou preparar uma sombria masmorra cercada de sólidos muros e meteu-o dentro, entre grossas tábuas pregadas com robustos pregos rebitados. Prenderam-lhe aos pés grilhetas de ferro com o peso de muitas libras e racionaram-lhe a comida e a água. Qualquer esperança de evasão era de todo impensável. Como, porém, Deus não suporta ver morrer o inocente, não tardou em socorrê-lo, dele compadecido. Entre torrentes de lágrimas e orações, o homem pôs-se a invocar o bem-aventurado Francisco para que dele se apiedasse, tanto mais que tinha ouvido dizer que se aproximava a vigília da sua festa. O nosso homem tinha uma grande fé em são Francisco, porque, dizia, ouvira os hereges “ladrar” contra ele¹⁴³. Chegada a vigília da festa¹⁴⁴, ao entardecer, Francisco, compadecido, baixou à masmorra. Chamando o homem pelo seu nome ordenou-lhe que se levantasse rapidamente. Aterrado, perguntando quem era, ouviu responder que era o bem-aventurado Francisco. Mas, ao levantar-se, chamou pelo guarda, dizendo: “Morro de medo, porque há aqui alguém que me manda levantar e diz ser são Francisco”. O guarda respondeu-lhe: “Deitate sossegado, desgraçado, e dorme! Estás a delirar, comeste mal hoje...” Mas como o santo de Deus insistisse em mandá-lo levantar, já perto do meio-dia viu as grilhetas caírem-lhe dos pés em pedaços. Relanceando a masmorra, viu abertas as tábuas, cujos pregos tinham saltado para longe, e franqueada a saída de par em par. Solto, mas atordoado de espanto, era incapaz de fugir. Chamando da porta, encheu os guardas de terror. Como tivessem avisado o bispo de que o cativo se tinha libertado das algemas, julgou que ele tinha fugido, pois ainda não tinha ouvido o relato do milagre. Transido de pavor, cai da cadeira de doente onde estava sentado. Porém, apenas o informaram de como tudo acontecera, dirigiu-se devotamente à prisão e, ante a evidência do poder de Deus,

¹⁴³ É um testemunho excepcional da fúria que movia os hereges contra S. Francisco. Desta fúria temos ecos em 2C 78-79. Em 1C 62 mostra-se a ação de Francisco contra os hereges. Também na Crónica de Eccleston (15) se toca este tema.

¹⁴⁴ 4 de Outubro. Gregório IX morre a 22 de Agosto de 1241. Este episódio que se desenrola sobre o seu pontificado, é anterior a 4 de Outubro de 1240.

adorou ali mesmo o Senhor. Os grilhões foram finalmente levados ao senhor papa e aos cardiais que, vendo e ouvindo o que acabara de acontecer, ficaram cheios de espanto e louvaram a Deus.

38. Bartolomeu, cidadão de Gaeta¹⁴⁵, trabalhou duramente na construção de uma igreja para o bem-aventurado Francisco. Querendo aplicar uma viga na obra, esta, mal assente, caiu abrindo-lhe gravemente o crânio. Como, devido à perda de sangue, já não lhe restasse mais do que um sopro de vida, pediu o viático a um irmão. Este não conseguiu encontrar logo o viático e, como tivesse como certo que o homem não tardaria a morrer, disse-lhe a palavra de Santo Agostinho: “Crê e já comeste!¹⁴⁶”. Ora sucedeu que, na noite seguinte, o bem-aventurado Francisco lhe apareceu na companhia de onze frades. Com um cordeiro nos braços, aproximou-se do leito e chamou-o pelo nome, dizendo: “Nada temas, Bartolomeu, que o inimigo não levará a melhor sobre ti, por muito que te queira impedir de estares ao meu serviço. Porque tu voltas a gozar de saúde. Este é o cordeiro que pedias te dessem e acabas de receber, graças ao teu bom desejo. Porque o irmão deu-te, na verdade, um conselho útil”. Passando a mão pelas feridas, mandou-lhe que voltasse ao trabalho já empreendido. Levantando-se cedo, o homem apareceu são e salvo aos que o tinham visto meio morto. Na verdade, foi em razão de uma cura tão inesperada que todos pensaram estar vendo um fantasma e não um homem.

39. Uma mulher religiosa¹⁴⁷, que desde a mais tenra infância se tinha encerrado, havia já quase trinta anos, numa cela estreita por amor do seu eterno Esposo, mereceu o conforto da familiaridade do bem-aventurado Francisco, quando ele ainda

¹⁴⁵ Cf. nota 114.

¹⁴⁶ Trata-se da comunhão de desejo. Foi como se o irmão tivesse dito, citando Agostinho: a tua fé vale o viático.

¹⁴⁷ Em 3C 181 e depois em LMmil 8, 7, acentua-se que se trata de “Praxedis, religiosarum famosíssima in Urbe ac orbe Romano”. Em 3C 181, 2 acrescenta-se também: Tinha-a recebido o Santo à obediência – coisa não outorgada a nenhuma outra mulher – e concedido o hábito da religião, ou seja, a túnica e o cordão. Trata-se de algo excepcional, uma vez que a 1R determina “... que nenhum irmão receba à obediência mulher alguma”.

vivia. Um dia, por qualquer das suas ocupações, subiu ao terraço da cela. Sob um impulso imaginário, caiu brutalmente ao chão. Fracturou uma perna e um pé e desmanchou completamente um ombro. Ora a virgem de Cristo havia já muitos anos que se tinha subtraído aos olhares dos outros e mantinha o firme propósito de continuar a ignorá-los. Jazendo agora por terra como um cepo, e não admitindo o socorro de ninguém, não sabia a quem recorrer. Por ordem de um grande prelado, e a conselho de alguns religiosos, foi obrigada a abrir a cela, a fim de beneficiar da companhia duma outra mulher consagrada a Deus. Ela, porém, temia como um perigo de morte que alguém lhe entrasse dentro facilmente, por incúria ou negligência. Recusava absolutamente obedecer, receosa de ir contra o voto e resistia como podia. Lança-se, fervorosamente aos pés da divina piedade e, chegada a noite, implora entre queixumes ao bem-aventurado pai Francisco: “Meu pai santíssimo, tu que em toda a parte acorres bondosamente às necessidades de tantos que nem sequer conhecias em vida, por que não me socorres a mim que, sem mérito algum, dignaste distinguir em vida com tão distinta mercê? Como vês, bem-aventurado pai, estou na contingência de alterar o meu género de vida religiosa ou de padecer o julgamento da morte”. Enquanto revolvia estes raciocínios no seu coração e na sua boca, e dava mostras, com repetidos soluços, de sentimentos dignos de compaixão, tomou-se de repente de um sono profundo e entrou em êxtase. O benigníssimo pai, envergando as suas gloriosas e alvas vestes, desceu à escura cela e deste modo lhe falou enternecidamente: “Levanta-te, filha bendita. Levanta-te, não temas! Recebe o dom da tua cura completa e conserva inviolado o teu género de vida religiosa!” Tomando-a pela mão, ergueu-a e desapareceu. Ela, porém, andando de um lado para outro na cela, não acabava de compreender o que nela tinha operado o servo de Deus, pois julgava estar sonhando. Finalmente, aproximando-se da janela, fez o sinal habitual. Acode apressadamente um monge¹⁴⁸ que, espantado, lhe pergunta: “Quem fez com que tu, madre, te pudesses levantar?”. Mas ela, cuidando sonhar

¹⁴⁸ A reclusa tinha o costume de comunicar com o monge que podia entrar na sua cela.

ainda e não o reconhecendo, pediu-lhe que lhe desse lume. Quando o lume chegou, veio ela a si e, não sentindo qualquer dor, contou em pormenor tudo o que lhe acontecera¹⁴⁹.

40. Também nós pomos fim a este relato, porque a multidão dos milagres nos obriga a calar. Graças sejam dadas a Deus. *Ámen.*

¹⁴⁹ Cf. 3 181.